

# ECONOMIA COMPARTILHADA E INOVAÇÃO SOCIAL: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS

## 1 INTRODUÇÃO

A crescente desigualdade social que afeta inúmeras pessoas em todo o mundo exige uma busca constante de alternativas que possam gerar mudanças nessa realidade. Nesse cenário internacional, no qual há aumento das taxas de pobreza, pesquisadores têm investigado diferentes teorias que procuram conciliar as práticas de gestão e a busca por soluções inovadoras de mudança social (AGOSTINI; MARQUES; BOSSLE, 2017). Ocorrem, nesse contexto, discussões em torno da Inovação Social (IS). A IS trata de mudanças no contexto social em que novas instituições e sistemas sociais são criados, em uma lógica que se move do indivíduo para o coletivo (BITTENCOURT; FIGUEIRÓ; SCHUTEL, 2017). Um exemplo de IS são os grupos gratuitos de reutilização de produtos mediados tecnologicamente, os quais visam atender a sociedade civil (SEYFANG; SMITH, 2007). Tais grupos fazem parte também do fenômeno denominado Economia Compartilhada (EC), que vem se ampliando mundialmente. A EC pode ser compreendida como uma importante tendência que se originou com a recessão econômica global, aliada a preocupações sociais sobre o consumo sustentável, a fim de levar indivíduos e a sociedade a explorar o uso de recursos e produtos de forma mais eficiente (JIANG; TIAN, 2016). Uma vez que plataformas tecnológicas possibilitam a ocorrência da EC baseada no acesso a recursos, o acesso constrói o capital social e permite uma distribuição mais equitativa dos bens e serviços, já que os custos de acesso são mais baixos do que os de propriedade (MARTIN; UPHAM; BUDD, 2015; HAMARI; SJOKLINT; UKKONEN, 2016). Mont, Neuvonen e Lähteenoja (2014) apresentam a EC como um exemplo de IS. Neste sentido, o acesso a bens e serviços promovido por plataformas de EC parece ter potencial para servir de alternativa na busca por inovações sociais.

Entretanto, ressalta-se que há inúmeras críticas presentes na literatura sobre EC, uma vez que uma série de preocupações sociais decorrem das suas práticas, como a reestruturação das relações de trabalho, envolvendo mudanças econômicas, legais e políticas (SCHOR; ATTWOOD-CHARLES, 2017; PLEWNIA; GUENTHER, 2018). Critica-se que as plataformas levantam a questão da reestruturação das relações de trabalho em uma era neoliberal, em especial no que diz respeito a termos de precariedade crescente e riscos às condições de trabalho (STANDING, 2011; SCHOLZ, 2012). Dessa forma, a EC também pode estar contribuindo para o aumento da discriminação e da desigualdade social (SCHOR; ATTWOOD-CHARLES, 2017; FRENKEN; SCHOR, 2017), aspectos contrários à IS. Sendo assim, percebe-se que a literatura evidencia a controvérsia em relação ao fenômeno da EC, mas olhando especificamente para uma conversa com a IS, identificam-se pesquisas que apontam a existência de interseções entre ambas. Jaeger-Erben et al. (2015) apresenta cinco tipos de inovação, uma delas é denominada EC, entendida como uma estrutura que facilita o consumo colaborativo, onde a mesma tem potencial para promover benefícios sociais para aqueles que participam da comunidade. Também Andrade e Rezende (2017) destacam alguns pontos convergentes entre IS e EC. Ainda Avelino et al. (2017) exploram e distinguem nuances de mudança e inovação. A EC é citada por esses autores como um “modificador do jogo”. A literatura aponta interseções entre IS e EC em uma abordagem conceitual, mas pouco se sabe sobre como as práticas da economia compartilhada promovem (ou não) inovação social. Isso posto, a questão de pesquisa a que este estudo busca responder é: **Como as práticas em um contexto de economia compartilhada se aproximam (ou afastam) da inovação social?**

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Economia Compartilhada

O início da EC pode ser situado logo após 1990, nos Estados Unidos, através da criação de sites como o *eBay*® e o *Craigslist*®, cujos objetivos eram de facilitar o processo de recirculação de bens. Conforme, Tussyadiah e Pesonen (2016), essas plataformas de redes sociais *on-line* estimulam a EC, visto que as pessoas compartilham facilmente o acesso aos recursos ociosos, como transporte, alimentos, alojamento e habilidades com o outro. Também esses sites aproveitaram os avanços tecnológicos, através da expansão das transações *on-line peer-to-peer* (SHIRKY, 2008), que propiciavam redução dos custos das transações para explorar os mercados secundários (SCHOR, 2014). Dessa forma, a EC é considerada um novo sistema socioeconômico que possibilita a criação compartilhada, produção, distribuição e consumo de bens e recursos entre os indivíduos (TUSSYADIAH; PESONEN, 2016). Já Schor e Fitzmaurice (2015) compreendem que o fato de ser uma forma de mercado na qual estranhos (e não parentes e comunidades) trocam bens e serviços torna inovador o compartilhamento.

Por um lado, entende-se que a EC também está relacionada a preocupações sociais sobre o consumo sustentável, a fim de levar indivíduos e a sociedade a explorar o uso de recursos e produtos de forma mais eficiente (JIANG; TIAN, 2016). Dessa forma, percebe-se que o movimento da EC coopera para a melhoria do bem-estar da sociedade, através de novas formas de troca e compartilhamento, as quais incentivam, a sustentabilidade dos recursos, moderando o consumo (DEMIREL; PAYNE, 2018), assim também agregando distintos tipos de promessas ambientais, econômicas e sociais (ACQUIER; DAUDIGEOS; PINKSE, 2017). Por outro lado, há a possibilidade de os benefícios sociais serem simplesmente uma promessa ou ocorrerem minimizados. Para Schor e Attwood-Charles (2017), por um lado, as grandes plataformas da economia compartilhada que visam os lucros, a associação, paralelamente a suas atividades principais, com iniciativas sem fins lucrativos e autenticamente pró-sociais, permitiu-lhes capturar a boa vontade, por outro, tratando uma particular lacuna de evidências almejada para respaldar uma série de reivindicações de benefícios sociais. Uma vez que o fato de que o "valor agregado" da EC depende do acesso, que é um aspecto dependente da tecnologia. Assim, às vezes, a tecnologia torna-se um obstáculo à participação de uma população em geral, aumentando as barreiras existentes para as populações desfavorecidas (GUIMARÃES; FRANCO; SOUZA, 2017).

Tal divisão na opinião pública e acadêmica quanto a aproximação ou distanciamento da EC com os benefícios sociais pode ser explicada pela sua natureza multifacetada, que está em evolução constante e pode tomar direções inesperadas, que desviam ou se distanciam do conceito original de "compartilhamento" (MALHOTRA; VAN ALSTYNE, 2014; MARTIN, 2016). Além disso, uma das possíveis explicações para as controvérsias encontradas seja a existência de diferentes modelos de negócio dentro da EC, assim como seus diferentes aspectos, classificações e tipologias. Considerando essa variedade de características de modelos possivelmente corrobore para a existência de controvérsias, buscou-se compreender aspectos de afastamento e aproximação da IS na EC, considerando o arquétipo compartilhar por ideal, o qual é considerado basicamente um estilo de vida, sendo o mais adequado quando a intenção é partilhar como alternativa ao consumo de forma consciente. Também há ausência de transação financeira em uma estrutura de mercado *P2P* (PETRINI; FREITAS; SILVEIRA, 2017).

### 2.2 Inovação Social

O Centro de Pesquisa em Inovações Sociais (CRISES) é uma organização interuniversitária de pesquisadores, sendo um dos principais centros de pesquisa para a IS no Canadá, motivado a estudar soluções sociais que oportunizam mudanças positivas na sociedade

(ANDREW; KLEIN, 2010). A partir dos estudos dessa organização, os autores Tardif e Harrisson (2005) definem a IS como uma intervenção desencadeada pelos atores sociais, com o intuito de atender necessidades específicas, responder a uma aspiração, oferecer uma solução ou, ainda, para tirar proveito de uma oportunidade para a ação. Ainda os mesmos autores embasados em 49 estudos produzidos por pesquisadores do CRISES, propuseram uma enciclopédia na qual as matrizes de três eixos são integradas: território, condições de trabalho e de emprego, por meio de semelhanças e complementaridades relativas ao conceito de IS na perspectiva da transformação social.

No que diz respeito à particularidades de cada dimensão, conforme Tardif e Harrisson (2005), pode-se compreender que a dimensão **“transformação”** leva em conta o reconhecimento da conjuntura social e econômica, a partir de mudanças ocasionadas por crises, ruptura e descontinuidade, tanto micro como macroeconômicas. Estas conjunturas atuam como fomentadores contextuais para o aparecimento e desenvolvimento de inovações sociais. Quanto à dimensão **“caráter inovador”**, essa se configura como uma solução sugerida em resposta à dimensão de transformação. Os Tardif e Harrisson (2005) ressaltam que a mesma se manifesta pela apresentação e implementação de algo novo, tal como novas regras sociais, novas formas organizacionais, novas funcionalidades, etc. A terceira dimensão considerada trata da **“inovação”** e enfatiza a existência de variados tipos de IS, tratando-se da classificação da IS, que consiste na própria solução sugerida a uma demanda social (TARDIF; HARRISSON, 2005). Segundo Tardif e Harrisson (2005) a IS pode ser: Técnica/Tecnológica, decorrente da utilização de tecnologias, bem como da geração de novas tecnologias, que proporcionam melhorias no bem-estar social e qualidade de vida dos indivíduos; Sociotécnica, a qual concilia demandas sociais e interesses organizacionais; Social, a qual expande soluções apresentadas por atores da sociedade civil; Organizacional, que ocorre dentro das organizações e, frequentemente, fomenta melhoria da qualidade de vida dos empregados; e a Institucional, a qual o poder público auxilia de modo decisivo para concepção e implementação da solução inovadora. A quarta dimensão a qual é nomeada **“atores”**, engloba todos os atores envolvidos nos processos de definição, concepção e implementação da IS (TARDIF, HARRISSON, 2005). Por fim, a quinta dimensão corresponde aos **“processos”**, abrangendo a sequência de ações para efetivação da IS. Esse processo engloba três elementos centrais: os modos de coordenação, os meios para garantir isso e as restrições que afetam e podem reduzir o potencial inovador de um projeto. Os modos de coordenação são compreendidos como um processo de aprendizado coletivo, ou seja, que se dá a partir dos atores, o qual gera novos comportamentos, capazes de levar ao desenvolvimento de novas regras e padrões dentro do ambiente. Os meios são as práticas envolvidas no processo, e viabilizam que os meios de coordenação possam melhor compreender as restrições, ou seja, são mais próximas ao ambiente, e consideram as relações estipuladas entre as partes envolvidas (parcerias, difusão, negociação, integração, *empowerment*). Já as restrições são compreendidas como situações de complexidade e incerteza da dinâmica, como a resistência dos atores e as tensões trazidas pela novidade (TARDIF; HARRISSON, 2005). Destaca-se que as cinco dimensões da IS serviram de pano de fundo durante o campo de investigação desta pesquisa. Com isso, a cada nova prática buscou-se observar cada uma dessas dimensões. Tendo em vista que a IS se dá por diferentes tipos de atores, o papel destes como transportadores, doadores, portadores e/ou tomadores também foi investigado.

### **2.3 Teoria Ator-Rede: elementos centrais para a pesquisa**

As principais premissas da Teoria Ator-Rede (TAR) - *Actor-Network Theory* (ANT), em língua inglesa, conhecida também como Sociologia da Translação (CALLON, 1986), apresentam uma visão alternativa para o social, indicando que a mesma proporciona a fixação

dos elementos sociais em sua totalidade, incluindo-se aqui elementos não alicerçados por outras teorias. A TAR considera uma abordagem pós-estruturalista. A mesma não faz separação analítica entre humanos e não humanos, organizações e sociedade, ou natureza e sociedade, sendo assim tais elementos, apesar de heterogêneos, não devem ser entendidos e estudados de forma separada e isolada uns dos outros, visto que só existem nesta relação. Para fins desta pesquisa alguns elementos da TAR foram considerados, os quais serão aprofundados a seguir.

Quanto aos elementos **relação e translação**, conforme destacado, a rede é formada de diferentes materialidades, as quais se encontram em permanente ordenação. Assim, uma organização é um espaço contínuo de relações e de processos criadores de significados (WATSON, 2005). A palavra “relação” carrega consigo uma ideia transformacional, enquanto a palavra “interação” remete à noção de simples contato. Intimamente interligado à noção relacional, encontra-se o conceito da TAR sobre translação. Callon (1986) aponta que a translação trata-se de um processo interpretativo realizado pelos construtores de fatos direcionada aos interesses, tanto deles mesmos, como dos demais indivíduos alistados (LATOURET, 2000, p. 178). Portanto, a translação é caracterizada como o processo pelo qual os objetivos e interesses variados e contraditórios são deslocados e transformados pelos actantes, tentando torná-los comuns (CALLON, 1986; LATOURET, 2000; 2005).

As **práticas** são definidas por Shatzki (2001) como uma série de dizeres e fazeres estruturados a partir da associação de diferentes entendimentos, um acervo de normas e de uma estrutura teleoafetiva capaz de organizar, a qual pode ser modificada no decorrer do tempo em resposta a eventos contingentes. Conforme Latour (2005), mapear as práticas auxilia a observar e descrever os diversos papéis que os actantes desempenham durante a implantação da prática e como os atores humanos e não humanos interagem para formar redes que apoiam regras sociais específicas. Para essa pesquisa, buscou-se identificar práticas, não para acessar os valores morais em si, mas para compreender como a IS pode ocorrer em um grupo de EC. Também onde quer que se estabeleçam **controvérsias**, ou apareça algo como invenção/ inovação, ou polêmica, a TAR é aplicada. Segundo Venturini (2010), toda controvérsia opera como um “fórum híbrido”, um espaço composto de negociação e conflito entre atores, que, de outro modo, se ignorariam. Ao seguir as controvérsias, deve-se levar em conta, sobretudo, que as inquietações com valores podem estar em locais inesperados, ou seja, não necessariamente ficar imediatamente visíveis na superfície durante algum tempo (GEHMAN; TREVINO; GARUD, 2013). Também Latour (2000) destaca que as controvérsias dizem respeito a uma série de fatores ainda não resolvidos, como: incertezas, tomadas de decisões e competição, as quais se referem a controvérsias que se obtém ao fazer um *flashback* de certas caixas pretas frias e sem problemas para seu passado recente.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sabendo-se da existência de bancos de tempo (BdT) em outras cidades no mundo, foram realizadas algumas pesquisas a fim de encontrar um banco de tempo brasileiro possível de investigação, chegando-se ao Banco de Tempo de Garopaba. Esse foi fundado em 14 de agosto de 2015, no Sul do estado de Santa Catarina, é responsável pela conexão entre as pessoas e a Administração. Os elementos essenciais dessa comunidade são tempo, interação e investimento social, que fomentam uma série de projetos socioambientais. O BdT reúne diversos serviços e talentos divididos em categorias, sem ocorrer circulação monetária. As transações acontecem por mecanismos de créditos, débitos e movimentos de trocas em um grupo na rede social *Facebook*®, por onde os associados oferecem alguma expertise que poderá ser útil a outro membro; da mesma forma, podem solicitar algo de que estejam precisando. Conforme o levantamento realizado em setembro de 2018, a quantidade de talentos foi de 110, classificados em 15 categorias, sendo elas: Saúde; Moda e Beleza; Pet; Artes; Casa, Horta e Jardim; Lazer e

Esportes; Alimentos e Bebidas; Social; Projetos, Marketing, Administração, Jurídico e Consultoria; Festas e Eventos; Turismo e Lazer; Informática e Celulares; Automotivo; Educação; Projetos Sociais e Talentos em Grupo. A partir da busca de mais informações sobre esse tipo de plataforma, percebeu-se que o BdT é um tipo de comunidade pertencente ao modelo de EC denominado Compartilhar por Ideal, por ser caracterizado pelo modelo de acesso e envolver puramente relações *peer-to-peer* (P2P). Destaca-se que o Banco de Tempo de Santa Maria da Feira, de Portugal, também foi estudado para pesquisa, ao longo do mês de janeiro de 2019. As informações coletadas no caso foram consideradas como dados complementares da pesquisa e não como a adição de outro caso. O banco português serviu de inspiração para a criação banco brasileiro investigado, o qual foi primeiro banco de tempo a ser fundado no país.

A TAR foi adotada nessa pesquisa como base teórico-metodológica. Conforme Venturini (2012), TAR foi introduzida por Bruno Latour como um exercício didático, no entanto, essa evoluiu gradativamente para um método de pesquisa completo, em virtude das contribuições de uma ampla comunidade de pesquisa e ensino. De acordo com Law e Hassard (1999, p. 12), a TAR consiste em “um método para conhecer, viver e praticar nas complexidades da tensão”.

A coleta de dados no campo ocorreu no período de um ano, de março de 2018 a março de 2019. Com o intuito de trazer uma compreensão holística do fenômeno e analisar com maior profundidade a sua complexidade, foi realizada a partir de três diferentes métodos de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas, análise documental e observação em campo. Dessa forma, foram realizadas 211 **entrevistas semiestruturadas**, tendo a cobertura de todas as 15 categorias que compõem o banco e de 107 talentos distintos. As entrevistas que foram realizadas presencialmente representam 55%, e à distância, essas realizadas via *Skype*®, *Facebook*® ou *Whatsapp*®, representam 45%. O tempo médio das entrevistas foi de 33 minutos. Para chegar a cada respondente foi seguida a técnica Bola de Neve (*Snowball*) também conhecida como (BIERNACKI; WALDORF, 1981), a qual é aplicada em pesquisas sociais, objetivando que os participantes iniciais da pesquisa indiquem novos participantes e, assim, sucessivamente. Já no BdT de Santa Maria da Feira, Portugal, as entrevistas ocorreram de 15 a 29 de janeiro, 37 delas com os associados da agência de Santa Maria, sendo 35 entrevistas presenciais e duas entrevistas realizadas via ligação *Whatsapp*®. Quanto a **análise documental** englobou regras e funcionamento, lista de talentos e tabela de saldos do BdT. Os documentos consultados geraram quatro cadernos de registros de saldos e, em torno de, 45 fotografias. Referente aos documentos virtuais, ou seja, as postagens via *Facebook*®, foi possível acessar todas as publicações do grupo desde sua fundação, totalizando mais de 11.000 publicações. Destaca-se que, para facilitar a coleta desses dados, foi utilizado o programa “*NCapture for NVivo*®” para coletar as publicações. Quanto aos documentos de Santa Maria da Feira, esses foram acessados na própria agência, tanto os físicos como *banners* de divulgação dos *Workshops*, cuja frequência é praticamente mensal, quanto ao *Hard Disc* (HD) com as fotografias e vídeos realizados nos cinco anos de história do grupo, também lista de serviços (talentos), regras do banco de tempo e as atas de comparecimento à sede. Referente **às observações de campo** foram realizadas, tanto discretas quanto participantes. No total, foram observadas 23 trocas de talentos, 22 observações discretas e uma observação participante, as quais totalizaram 32 horas de observação e 137 páginas de anotações no diário de campo. Enfatiza-se que o BdT tem dois projetos ativos: a Gratifeira, existente desde 2016 e apoiada pelo banco de tempo, e o Encontro das Mulheres, o qual iniciou em 2018, ambos foram observados de modo participante. Já as observações realizadas em Santa Maria da Feira ocorreram na festa de aniversário da agência, em atividades administrativas na sede e demais interações em grupo como: clube de Dança e conversação em inglês, ambos realizados na agência. Trocas de talentos também foram observadas e registradas em diário de campo.

Ainda em campo, os dados coletados começaram a ser organizados e analisados, permitindo identificações preliminares. Tal experiência de análise paralela ao campo vem ao encontro do que Creswell (2014) pensa sobre o trabalho dos pesquisadores qualitativos, alegando que inegavelmente esses pesquisadores preservam muitas vezes o incomum e insólito, ou seja, necessitam formular os estudos de forma diferente, onde seus procedimentos analíticos evoluem enquanto estão em campo. Também considerou os espirais propostos por Creswell (2014): (1) dados e manejo; (2) leitura e lembretes, (3) descrição, classificação e interpretação; e (4) representação e visualização. Destaca-se que devido a quantidade expressiva de materiais coletados, o *software NVivo 12 Plus®* foi utilizado para auxiliar na organização dos dados.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 Os Actantes

No Banco de Tempo de Garopaba foram identificados cinco grupos de atores humanos, que são os idealizadores, membros, associados, administradores e os ex-associados. Também foram localizados sete atores não humanos: o talento, o *Facebook®*, a moeda, a lista de associados, a tabela de saldos, a tabela de produtos, e o espaço. No Quadro 1, são apresentados os principais elementos de cada um desses actantes.

Quadro 1: Actantes identificados no BdT de Garopaba

ACTANTES	PRINCIPAIS ELEMENTOS
Idealizador	Dificuldade de identificação, pela falta de registro sobre a origem do BdT; Alguns idealizadores já não participam mais das atividades do BdT por motivos diversos.
Membro	Acessou a página do BdT no <i>Facebook®</i> e clicou no recurso “participar do grupo”; Sujeito de qualquer lugar do mundo que tem interesse e curiosidade pelo tema; Tem acesso para acompanhar, curtir e comentar postagens.
Associados (também são membros)	Aquele que se cadastrou no grupo para participar das trocas de talentos e demais atividades; A maioria vive em Garopaba, mas não são naturais da cidade, vindo inclusive de outros estados e países.
Administradores	Também são associados, pessoas participantes do grupo; Acolhem os novos membros e associados; Controlam os créditos e débitos; Monitoram e divulgam regras de funcionamento do grupo.
Ex-Associados	Pessoas que participaram ativamente do grupo, inclusive alguns como administradores; A maioria continua participando como membro ou associado.
Talento	Algo que o próprio associado desenvolve e sua elaboração não é terceirizada; Aquilo que é feito com amor, leveza e gosto para si ou para o outro; Aquilo que o associado faz bem, ressaltando que é algo feito com qualidade e profissionalismo;
<i>Facebook®</i> (grupo público)	A comunicação e interação do BdT de Garopaba ocorre por meio <i>Facebook®</i> ; Contatos realizados via grupo público no <i>Facebook®</i> ; Tabelas disponíveis via grupo público no <i>Facebook®</i> .
Moeda	A moeda utilizada pelo banco é o tempo, também denominada crédito; Possibilita que exista uma referência para que as trocas sejam contabilizadas.
Lista de associados	Lista que apresenta os associados ativos e suas informações, como talentos que ofertam.
Tabela de saldos	Tem o papel de manter os registros das transações. É atualizada pelos administradores, que têm acesso para editá-la; Demais membros podem acessá-la a fim de visualizar e acompanhar os saldos contabilizados.
Tabela de produtos	Planilha de <i>Excel®</i> que apresenta a lista de talentos, bem como indica para cada um deles um limite máximo de tempo/créditos que pode ser cobrado.

Espaço	O espaço em que as pessoas realizam suas trocas de talentos, seja quando esses talentos ocorrem com a presença concomitante do ofertante e receptor, seja quando geram um produto e precisam chegar ao receptor.
--------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: elaborado pelas autoras (2020)

Considerando que os actantes intermediadores são aqueles que transportam significado e fortalecem uma situação sem provocar alterações (LATOUR, 2005), o BdT conta com: (1) idealizadores, que, quando acessados, apresentaram a história e os objetivos do banco de tempo, mas que, mesmo exercendo papel de forte liderança na fundação do grupo, atualmente não alteram mais as relações estabelecidas; (2) membros, que acompanham o BdT e, em algumas situações, até se manifestam em publicações, a fim de fortalecê-las, no entanto, não possuem um vínculo forte o suficiente para modificar a rede; e (3) ex-associados, que, mesmo tendo vivido a experiência de estar ativamente na rede, e ainda opinarem e até mesmo avaliarem como o grupo era e é, cumprem apenas o papel de transportar significado. Destaca-se que não foram localizados actantes não humanos que sejam intermediadores. Em relação aos actantes mediadores, os que realizam translação e modicam significados e situações na rede (LATOUR, 2005), identificaram-se os seguintes: (1) associados, os quais têm acesso para realizar translações e modificar a situação, seja na troca de talentos, na promoção de encontros ou na opinião de melhorias de que o grupo necessita; e (2) administradores, que têm todo o acesso de um associado, até mesmo porque também são associados, e detêm uma posição de maior autonomia e influência para envolver os demais em translações mais complexas, como alterações de regras, chamadas de reuniões e promoção de mais encontros, além de serem fortes modificadores no grupo. Ainda configuram-se como actantes mediadores todos os atores não humanos: (3) talento, exercido pela sua descoberta e desenvolvimento, oferta ou recebimento, permitindo que translações aconteçam e, principalmente, que modificações naqueles actantes envolvidos ocorram; (4) tabela de talentos, que, conforme o resultado da busca/consulta, irá gerar um tipo de alteração, seja o avanço de um contato entre associados para transladar um talento, seja a insatisfação de não encontrar alguém que permita esse acesso demandado, isto é, modificando a situação; (5) *Facebook*®, que medeia a comunicação e as transações do BdT, desempenhando papel essencial na rede, o qual altera a situação através de sua acessibilidade e funcionalidade; (6) moeda, que possibilita o acesso a talentos, ou seja, permite a alguém se tornar ativo no BdT, da mesma forma que limita a participação de outros; (7) tabela de saldos, que, semelhantemente ao actante anterior, possibilita ou não a troca de talentos, ou seja, contato e translação com outro associado; (8) tabela de produtos, que modifica a situação no grupo, haja vista que sua implantação impactou na participação dos associados: aqueles que entenderam que a regulação afeta negativamente a contabilização de seu tempo de troca deixaram o grupo, enquanto os associados anteriormente insatisfeitos pela percepção de que alguns “tiravam vantagem”, através da regulação, sentiram-se mais seguros quanto a isso; (9) casa dos associados, espaço que possibilita que as transações e os encontros ocorram – porém, por vezes, a localização dessas casas ou a desconfiança em receber um associado dificulta que tais atividades aconteçam dessa forma, ficando claro que esse ator não humano é também um intermediador. Por meio dessa análise, foi possível identificar, além dos diferentes papéis que os actantes ocupam na rede, o quanto os atores não humanos são relevantes para que as situações sejam modificadas e as translações realizadas.

## 4.2 As Práticas

Considerando os apontamentos de Shatzki (2001) adota-se como práticas nessa pesquisa associações de entendimentos que promovem atividades, os quais não são fixos, ou seja, através do dinamismo da rede podem ser transladados ao longo do tempo.

As práticas encontradas no contexto do Banco de Tempo de Garopaba são quatro, conforme sintetizadas no Quadro 2: (1) *Check-in*, a qual contempla as atividades e

comportamentos que buscam bem inserir os associados no grupo, assim como verificar condições necessárias para a continuidade de suas atividades no mesmo; (2) Trocar Talentos, que abrange as atividades e comportamentos que possibilitam que as trocas de talentos ocorram, desde atividades mais operacionais, como também relacionais; (3) Promover Encontros, a qual refere-se às atividades e comportamentos que estimulam interação coletiva na rede, a fim de zelar pelos relacionamentos e também entregas sociais; e (4) Organizar e Controlar, que trata de atividades e comportamentos que visam o funcionamento organizacional eficiente do grupo, essas normalmente desenvolvidas pelos administradores. Ressalta-se que há um dinamismo entre essas práticas, uma vez que são contínuas, sendo que as práticas *Check-in* e Organizar e Controlar servem de apoio para que, por meio da interação entre os atores humanos, as práticas Trocar Talentos e Promover Encontros aconteçam, também essas sendo constantes.

Quadro 2: Práticas identificadas no BdT de Garopaba

PRÁTICAS	ATIVIDADES/ COMPORTAMENTOS	TRECHOS DE ENTREVISTAS
<i>Check-in</i>	Observação prévia do grupo, orientação e acolhimento do associado, realização do cadastramento, apresentação do novo associado ao grupo e atualização de cadastros.	“Eu não me lembro da data exata, mas eu acredito que eu acompanhei por quase seis meses antes de me cadastrar (ENTREVISTADO 36).” “Pedi para as coordenadoras me explicarem melhor como é que funcionava o grupo. Aí as coordenadoras nesse momento falaram para mim como era cada detalhe assim. Aí entrei no banco. (ENTREVISTADO 108).”
Trocar talentos	Consultar lista de talentos, solicitar ou ofertar um talento, verificar o saldo do receptor, organizar uma fila de espera para atendimento, informar o talento recebido, agradecer os talentos, valorizar o associado, economizar tempo, prospectar talentos e desenvolver talentos. Essa prática pode ser considerada o coração do banco de tempo, pois é a finalidade em si do grupo, promover trocas indiretas de talentos.	“Daí acontece com a demanda, você acaba indo direto na pessoa que você precisa do talento e propõem uma troca. Então, está precisando de uma nutricionista para ela eu abri a nutrição, entendeu, então, eu fiz o contato (ENTREVISTADO 130).” “Quando tu vai fazer um serviço, tu não verifica se os cheques têm fundo, o cartão, não passa maquininha, nãñã, mesma coisa, eu vou te oferecer um serviço, vou ali dar uma olhadinha, se tu tem condições de pagar por aquilo que eu tô te oferecendo (ENTREVISTADO 10)”.
Promover encontros	Promover eventos e projetos para os associados e promover projetos em prol da comunidade (Gratifeira e Encontro de Mulheres).	“Então nos encontros dos associados temos um contato bem legal e a gente acaba conhecendo pessoas pelo banco, mas que não se conhece pessoalmente (ENTREVISTADO 18).” “O banco promove encontros, todos os anos teve, esse ano teve, acho que era no final de janeiro, não consegui participar, mas vi que foi muito legal (ENTREVISTADO 24).”
Organizar e Controlar	Monitorar as regras do grupo, analisar e liberar as publicações dos associados no grupo do <i>Facebook</i> ®, contabilizar as transações de trocas de talentos, e as trocas de administrações.	“Porque assim, eu acho que cada um que entra para participar da administração tem uma característica né, uma monitora mais é mais organizada para controlar o grupo, outro tem o perfil mais dinâmico mais movimentar o grupo (ENTREVISTADO 10)”. “Eu fiquei pela parte responsável de atualização do saldo, que é uma coisa que o pessoal cobra porque quer que seja logo feito a publicação e que seja logo vista e tudo mais. E sou uma pessoa muito chata: eu sou muito organizada com horários (ENTREVISTADO 81).”

Fonte: elaborado pelas autoras (2020)

Ao compreender as práticas do BdT, interseções com inovação social foram identificadas, como o empoderamento e desenvolvimento de habilidades de seus associados,



assim como a promoção de benefícios sociais a comunidade local. Schatzki (2002, 2001, 1996) compreende as práticas de acordo com duas tipologias (1) teleológicas que carregam aspectos mais objetivos e operacionais, e de certo modo mais processuais e (2) afetivas, relacionadas mais a aspectos emocionais encontrados na rede. Com base nessa tipologia, buscou-se analisar as quatro práticas centrais do trabalho, as quais totalizam 22 atividades. O olhar foi mais individual para cada atividade, a fim de buscar entender se alguma prática não apresentaria tanto aspectos teleológicos quanto aspectos afetivos.

As atividades classificadas como teleológicas são aquelas que indicam atendimento e fluxo nos processos rotineiros da rede. Considerando o conjunto de 22 atividades, 12 são atividades teleológicas. A realização do cadastramento, atividade de *Check-in*, informar talento recebido abrangida em Trocar Talentos, e monitorar as regras do grupo pertencente a Organizar e Controlar, são exemplos de atividades nessa classificação identificada. Ressalta-se que a prática Promover Encontros não teve nenhuma atividade dessa classificação. Já as atividades afetivas totalizaram em 10, essas são que apresentam vínculos emocionais, e de certo modo mais significativos para o fortalecimento dos laços da comunidade e também são potenciais de geração de inovação social. Essas atividades compreendem todas as quatro práticas encontradas. Um exemplo delas, é o valorizar o associado da prática Trocar Talentos, cujo o receptor do talento indica o mesmo para demais associados e também para pessoas externas ao grupo, assim tendo potencial de promover o empreendedorismo, gerar renda e autoestima ao associado ofertante. Outro exemplo, é a troca de administradores da prática Organizar e Controlar, mesmo que ao apresenta-la anteriormente pontos a melhorar foram destacados, essa atividade possibilita que aja uma renovação em quem administra o grupo, possibilitando que nossas ideias surjam e sejam colocadas em prática, assim como tem potencial de capacitar também via experiência prática associados líderes e gestores.

### 4.3 As controvérsias

Conforme Venturini (2010), as controvérsias são as melhores condições acessíveis para observar o mundo social, devido ao fato de exporem o social em sua forma mais dinâmica. Venturini (2012) define as controvérsias como lutas conflitantes em que a vida coletiva se torna mais complexa. Dessa forma, nesta pesquisa, através da imersão no campo e da atenção às situações acessíveis, identificaram-se fatores ainda não resolvidos pelo grupo, uma vez que apresentavam divergências de opiniões e tornavam a vida do banco mais complexa. Uma síntese dessa identificação é destacada no Quadro 3.

Quadro 3: Controvérsias identificadas no BdT de Garopaba

CONTROVÉRSIA	TRECHOS DE ENTREVISTAS
<p><b>Significado do Tempo</b> Doação ou troca? O que deve ser contabilizado: só tempo de transação, o tempo total envolvido?</p>	<p>“A base é isso, adicionar moeda a tempo é só pras pessoas não se sentirem que tão trabalhando demais, ou fazendo demais, ou ainda poderem ter as liberdades de trocar, entendeu. Se o grupo não tiver a visão, de gostar de fazer coisas voluntárias, não vai rolar, não vai ter como dar continuidade (ENTREVISTADO 113)”.</p> <p>“Eu nem peço crédito de volta, assim, né, porque eu uso pouco o banco, porque como eu não tempo pra receber, eu tenho tempo pra dar, entendeu? Assim eu não tenho tempo para usufruir, eu acho que usei uma vez, não lembro o que que eu usei, acho que eu usei uma limpeza de pele (ENTREVISTADO 51)”.</p>
<p><b>Desequilíbrio entre Demanda e Oferta</b> Ganho de créditos, falta de controle do n° de associados; forma de estabelecer os créditos</p>	<p>“Eu ia acumulando horas e nunca conseguia trocar pelos serviços que me interessavam. Alguns participantes quando ofereciam serviços colocavam: para o primeiro que "curtir". Eu nunca conseguia ser a primeira, não fico no celular o dia todo (ENTREVISTADO 177)”.</p> <p>“Meu talento era esse de ler para quem precisasse, um idoso de preferência. Então eu usei do banco, quando a gente entrava a gente ganhava uns quatro a cinco créditos, se podia ir trocando. Eu ganhei esses créditos, mas ninguém nunca requeria esse meu talento (ENTREVISTADO 103)”.</p>

<p><b>Liberdade <i>versus</i> Regulação</b> A falta de compreensão sobre a economia compartilhada e as desconfianças identificadas nas relações da rede.</p>	<p>“Então a economia solidária, as chamadas economias alternativas, acredito muito mais nelas, onde eu tenho a liberdade absoluta de negociar como eu quero, tanto o meu produto quanto a minha participação no mercado, como eu recebo, em que tipo de moeda eu recebo. Tenho a liberdade total, então isso que me levou a participar. Eu quero ter liberdade, quero fazer o que eu quiser com o meu talento (ENTREVISTADO 176)”.</p> <p>“Eu acho que é importante termos regras para tudo, porque as pessoas têm níveis de entendimento, conhecimento diferentes, assim se mantém o mínimo de funcionamento razoável (ENTREVISTADO 107)”.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: elaborado pelas autoras (2020)

Compreende-se que a controvérsia do **significado do tempo** apresenta diversos conflitos, como a compreensão sobre a natureza da transação ser embasada na doação ou na troca. Também há incertezas de como o tempo deve ser contabilizado – considerando somente o tempo de transação, ou o tempo total envolvido, ou ainda contemplar os materiais utilizados. Essas tensões em torno do significado do tempo acabaram gerando consequências como diminuição na participação dos associados, diminuição de talentos disponibilizados, e ainda, discussões ríspidas que não vem ao encontro da proposta do grupo. Ressalta-se que mesmo com a eliminação ou minimização dos elementos causadores da controvérsia **Desequilíbrio entre Demanda e Oferta**, visto que os três elementos principais da controvérsia foram transladados pelo grupo, as consequências dos mesmos permanecem no grupo e ainda geram tensões entre os atores. Dessa forma, a discussão a seguir apresentará as consequências do acúmulo de créditos (talentos muito demandados) e a falta de créditos (talentos não demandados), características essenciais da controvérsia **desequilíbrio entre demanda e oferta**, assim como os mecanismos que foram sendo transladados para amenizar tais consequências. Os associados que possuem acúmulo de créditos destacaram a sua insatisfação em não conseguir acessar os talentos dos demais associados, uma vez que suas necessidades não eram sanadas. Esse descontentamento consequentemente gerou afastamento dos mesmos do grupo. Já pela controvérsia **Liberdade *versus* Regulação**, verifica-se que a falta de compreensão dos princípios de um banco de tempo, assim como situações de desconfiança, leva a uma translação que se apresenta por meio de mecanismos regulatórios. Entretanto, tal translação provoca uma tensão na rede. Percebe-se que algumas regulamentações realmente parecem minimizar esse sentimento de oportunismo, mas também não têm força para estabilizar os conflitos, uma vez que desencadeiam outras tensões, como a falta de liberdade que se compreende que EC não deveria proporcionar.

As três controvérsias – significado do tempo, **desequilíbrio entre demanda e oferta**, e **liberdade *versus* regulação** – direcionam-se para uma macrocontrovérsia, denominada embate entre sistemas. O centro das tensões está nessa macrocontrovérsia porque as raízes do significado do tempo, uma novidade ainda conflituosa para o grupo, assim como a identificação de elementos que apresentam o **desequilíbrio entre demanda e oferta**, que dificultam o acesso igualitário aos atores envolvidos, e ainda os conflitos a respeito de se estabelecer **liberdade *versus* regulação** para as relações que permeiam o grupo, podem ser considerados característicos de um embate entre sistemas.

Essa macrocontrovérsia consiste na compreensão dos sistemas alternativo e vigente como excludentes, sendo que apenas um seria a escolha de vivência do ator, ou como coexistentes, em que um sistema complementaria as necessidades do outro. Na prática, percebe-se que há situações em que os associados do BdT necessitam optar por atuar ou priorizar um dos dois sistemas, a fim de ter suas demandas atendidas. Ainda quando a atuação do associado se dá no sistema alternativo, paralelamente são mantidos vínculos com o sistema vigente. Uma das polêmicas referente à coexistência ou exclusão dos sistemas, que está embriçada com as discussões sobre o significado do tempo, é identificada quando parte dos associados compreende que ingredientes para o

desenvolvimento de um produto, assim como o combustível gasto para o deslocamento para uma prestação de serviços, não devem ser cobrados no banco de tempo. Logo, uma visão excludente dos sistemas. No entanto, a raiz da discussão está no fato de esses ingredientes e combustível terem sido acessados via moeda monetária (sistema vigente), e não via moeda tempo (sistema alternativo), dessa forma apresentando-se como sistemas coexistentes. As situações de estímulo ao consumismo decorrentes do desequilíbrio entre demanda e oferta são presentes no sistema vigente e passam a ser replicadas, tanto pela semelhança quanto pela experiência dos atores, no sistema alternativo. Além disso, buscar normatizar o funcionamento do grupo através de regulações é, novamente, replicar o que se faz no sistema vigente no sistema alternativo.

É oportuno compreender a visão distinta entre o BdT de Santa Maria da Feira e do BdT de Garopaba. Em Portugal esse embate entre os sistemas não existe, pois, a compreensão dos administradores e associados é de que o banco de tempo tem um papel de intermediar acessibilidade, bem estar e demais benefícios sociais dentro de um sistema alternativo que está dentro de um sistema vigente, no entanto, não há tensão a respeito de ambos coexistirem, tanto por questão ideológica quanto financeira. Referente a satisfação do BdT de Portugal com o sistema financeiro capitalista, assim como os governos que administram o país, essa sim pode ser controversa e polêmica, no entanto, é inexistente o anseio da economia compartilhada, sistema alternativo, se tornar o sistema vigente. Como resultado adicional às questões já expostas, é possível buscar identificar por meio de dimensões da inovação social, como esse fenômeno se aproxima ou se afasta da economia compartilhada, a partir da pesquisa realizada.

#### 4.4 Inovação social na Economia Compartilhada

A análise sobre as aproximações e distanciamentos da inovação social na economia compartilhada considerou as cinco dimensões da inovação social propostas por Tardif e Harrisson (2005), para análise do fenômeno, pois além de se apresentar alinhada com os propósitos dessa pesquisa, a mesma é relevante no meio acadêmico. São elas: transformação, caráter inovador, inovação, atores e processos. Na sequência, as cinco dimensões da inovação social serão discutidas aprofundadamente. Além disso, por uma questão didática, cada dimensão será sumarizada no Quadro 4.

Quadro 4: Dimensões da Inovação Social

DIMENSÕES	IDENTIFICAÇÕES NO BdT de GAROPABA
<p><b>Transformação</b></p> <p>Considera o reconhecimento contextual da situação, focando-se na análise da conjuntura social e econômica, tendo como pano de fundo compreender as motivações que originaram a inovação social em discussão.</p>	<p>Identificou-se que a sazonalidade turística, elemento do contexto econômico e também social da cidade de Garopaba/SC, mostrou-se favorável à participação dos atores da EC. A cidade enfrenta, por ser uma cidade fortemente turística nos períodos de dezembro a março, uma oscilação significativa de relações de trabalho.</p> <p>O BdT se mostrou como uma possibilidade de inserção social, via desenvolvimento de novos relacionamentos e vínculos (necessários nas condições do fluxo migratório permanente), assim como de acessibilidade para sanar necessidades e também desenvolver suas habilidades, por meio da oferta de talentos (necessário nos momentos de baixa temporada).</p>
<p><b>Caráter Inovador</b></p> <p>Concentra-se na análise da solução proposta em resposta à dimensão “transformação”, manifestada pela apresentação e implantação de algo novo.</p>	<p>Diversos moradores de Garopaba/SC, ao lerem ou assistirem notícias divulgando o BdT de Santa Maria da Feira de Portugal, acreditaram que um grupo com essas características poderia ser uma oportunidade de amenizar alguns problemas econômicos e sociais vividos na cidade; visto as necessidades sociais e econômicas da cidade, intensificadas pela sazonalidade e fluxos de migrações.</p>

<p><b>Inovação</b></p> <p>Enfatiza a existência de vários tipos de inovação social, que trata especificamente sobre a solução proposta para a demanda social. Considerando as características das cinco tipologias (técnica/tecnológica, sociotécnica, social, organizacional e institucional)</p>	<p>No BdT estudado há uma inovação técnica/tecnológica, uma vez que, conforme discutido na seção de actantes, a rede social <i>Facebook</i>® é mediadora para que as transações no grupo ocorram. Observa-se que mesmo sem o desenvolvimento de uma nova tecnologia específica a fim de atender os anseios do banco de tempo, trata-se de um recurso tecnológico que já era amplamente acessado, mas que foi direcionado para cumprir um papel específico: contribuir para a esfera social. Há também inovação social, sendo que a implantação do grupo foi promovida por atores da sociedade civil que não tinham vínculos fortes, sequer se conheciam, mas tinham o mesmo desejo pela troca de talentos.</p>
<p><b>Atores</b></p> <p>Contempla todos os atores envolvidos nos processos de definição, concepção e implementação da inovação social, que podem ser classificados em sociais, organizacionais e institucionais.</p>	<p>Identificou-se que os tipos de atores envolvidos na inovação social BdT Garopaba são sociais, referindo-se a atores da sociedade civil. No entanto, na seção actantes, conforme o olhar da lente teórica TAR, foram evidenciados tanto atores humanos, que correspondem a esses atores social que a literatura de dimensão social trata, quanto atores não humanos. Sendo assim, os atores humanos são: idealizadores, membros, associados, administradores e ex-associados, já os atores não humanos são: talento, <i>Facebook</i>®, tabela de talentos, moeda, tabela de saldos, tabela de produtos, e casa dos associados.</p>
<p><b>Processos</b></p> <p>Refere-se à sequência de ações que efetivam a inovação social, envolvendo três componentes centrais, que são: modos de coordenação (processo de aprendizado coletivo), meios (representam as relações e práticas envolvidas) e restrições (abordam as tensões e resistências).</p>	<p>É oportuno destacar que o BdT é um ambiente abundante em possibilitar acesso, devido a sua diversidade de talentos, de modo que proporciona sanar diversas necessidades que englobam os exemplos dados pelo autor, e muito mais, como educação, beleza, apoio mútuo, entre outros. Sendo assim, o BdT tem como propósito permitir que os atores tenham suas necessidades sociais atendidas. Isso ocorre pela acessibilidade a recursos, por meio da prática de “Trocar talentos” e suas atividades “solicitar e ofertar talentos”.</p>

Fonte: dados da pesquisa, com base em Tardif e Harrisson (2005).

Diante das dimensões sociais analisadas, com ênfase na de processos, percebe-se que a IS acontece na EC, especificamente no BdT, pertencente ao arquétipo compartilhar por ideal. Conforme discutido, percebe-se que ainda restrições devem ser minimizadas ou eliminadas para que o potencial de mudança social ainda possa ser mais significativo. Mesmo diante de controvérsias preocupantes identificadas no BdT, percebe-se que o grupo mostrou ter potencial para superá-las, por meio do engajamento e participação ativa de seus atores (YUAN, HANRAHAN; CARROLL, 2018). Relacionado a isso, destaca-se que mesmo diante de trocas de administradores conturbadas, o BdT não vivenciou ao longo de sua trajetória nenhum momento sem pessoas dispostas a assumir e dar continuidade nas atividades do grupo, fato que também corrobora que a capacidade de alguém se dispor a investir tempo a fim de ultrapassar contratempos se fez presente (YUAN, HANRAHAN; CARROLL, 2018). Pontos de ter uma administração mais humana e próxima quando comparada com uma administração no sistema vigente, apontam também comunidades mais fortes, que estimulam e mantém iniciativas de EC para a sociedade (BACHNIK, 2016; SIUSKAITE; PILINKIENE; ZVIRDAUSKAS, 2019). Sendo assim, esse estudo permitiu compreender as translações ocorridas no grupo ao longo de sua trajetória, que demonstraram as tensões que o grupo ainda enfrenta, mas também evidenciaram as práticas e relações que permitiram que esse superasse suas dificuldades e se mantivesse atuante na comunidade.

Por fim, evidencia-se que esse trabalho apresentou como as práticas da EC se aproximam da IS, e como as controvérsias nesse contexto se afastam da IS e assim respondeu à questão de pesquisa proposta. Dessa forma, destaca-se que esse estudo contribuiu também para a literatura, no sentido de analisar na prática as duas temáticas de EC e IS sob a mesma perspectiva, uma vez que as suas relações eram apenas relacionadas na teoria. Conforme

Andrade e Rezende (2017) há cinco pontos que a IS e EC aparentam convergir. Esses pontos foram analisados separadamente e suas discussões serão apresentadas. O primeiro consiste em na resposta que a EC dá a uma insatisfatória situação social, gerando assim a criação de valor, logo a inovação social. Com isso, identificou-se que a resposta dada nesse contexto foi a implantação de um grupo que possibilite trocas indiretas, mediadas pelo tempo, a fim de atender necessidades da comunidade em questão. O segundo ponto se refere a estratégia e incentivo à cooperação para essa resposta, desta forma nota-se que a proposta não foi inovadora do ponto de criação de um novo modelo de EC, visto que o mesmo já existe em outros países há mais anos. Ainda assim, o mesmo foi novo para o Brasil, exigindo cooperação entre os atores para a sua viabilização. Essa cooperação está embricada com o terceiro ponto que os autores apresentam, que trata dos esforços locais para que a inovação social ocorra, normalmente organizados por uma ou um pequeno grupo de pessoas. Com isso, identifica-se que a implantação do Banco de Tempo de Garopaba, partiu de algumas pessoas, denominadas idealizadores, também desconhecidas entre si, mas comumente inspiradas pelas mesmas notícias lidas ou visualizadas sobre o BdT de Santa Maria da Feira, que uniram esforços, centrados na rede social *Facebook*® para aplicação da ideia na comunidade de Garopaba. Já o quarto ponto apresenta a inovação social como um processo que gera soluções continuamente, a qual contempla todos os envolvidos. Sendo assim, por meio dessa pesquisa identificou-se que o BdT de Garopaba se mostrou ao longo desses quatro anos de história, um espaço de busca constante de solução para suas restrições através de translações na rede, assim como implantação de novas ou intensificação práticas existentes, para que inovações sociais fossem geradas na EC. Por fim, o quinto ponto é que a inovação social é um mecanismo de difusão de conhecimento, favorecendo sua replicação de resultados. Também se identificou que o BdT de Garopaba propagou os resultados que foram atingidos pelo grupo para outros lugares do país, seja por meio da inspiração ou pelo suporte da implantação desses. Sendo assim, os cinco elementos teóricos que apontavam possíveis convergências entre IS e EC foram confirmados no campo empírico.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar a Teoria Ator-Rede como base teórico-metodológica nessa pesquisa, é a primeira contribuição deste estudo. Outra contribuição que se deu foi a identificação dos actantes envolvidos no processo de um BdT, ainda mais que estes puderam ser classificados sob diferentes compreensões, sob o olhar da Teoria Ator-Rede, como atores humanos e atores não humanos, e os papéis que esses exercem como mediadores ou intermediadores na rede.

A análise das translações ocorridas na rede, a partir da discussão de práticas, foi outra contribuição. O estudo possibilitou a identificação das práticas centrais do banco de tempo, que são: “*Check-in*”, “Controle e organização”, “Trocar talentos” e “Promover encontros”, assim como as suas 22 atividades-chave. Também, a partir desse estudo, as práticas e suas atividades demonstraram ser potencialidades para o desenvolvimento de IS na comunidade estudada, sob o olhar de modos de coordenação e meios, conforme características da dimensão processos da inovação social. Ademais, as mesmas puderam ser classificadas conforme seu papel, sendo consideradas práticas e atividades teleológicas e práticas e atividades afetivas.

Também contribuiu-se com a identificação das controvérsias centrais presentes no BdT, as quais foram transladadas ao longo das atividades do grupo, sendo elas: “significado do tempo”, “desequilíbrio entre demanda e oferta”, e “liberdade X regulação”, as quais abrangem uma macrocontrovérsia que se refere ao embate entre sistemas. Esses resultados contribuíram para a literatura, que apresentava a necessidade de mais estudos de EC que considerassem restrições, tensões, contradições e planos de contingência pra esses contextos (WITTMAYER; PROKA, 2017; GRIFFITHS; PERERA; ALBINSSON, 2019), mostrando que estas são

potencializadoras de afastamento da IS. Além disso, os pontos convergentes entre EC e IS encontrados na discussão teórica de Andrade e Rezende (2017) foram encontrados empiricamente no contexto do BdT. Além disso, através da análise das cinco dimensões da inovação social consideradas, pode-se evidenciar como a IS acontece na economia EC.

Esse estudo apresentou também algumas limitações. Uma delas se refere à impossibilidade de todas as atividades coletivas terem sido acompanhadas, devido à distância geográfica da primeira autora e o grupo, assim como não ter tido acesso às reuniões da administração do BdT, restrição promovida pelo grupo. Ademais, o BdT ainda é embrionário no Brasil e, mesmo a pesquisa explorando a agência brasileira mais antiga – BdT de Garopaba, sugere-se que estudos futuros possam ser realizados para explorar, a partir das transações, os actantes, práticas e controvérsias em outras agências, por exemplo, o BdT de Rio Grande/RS, o qual buscou formação e troca de experiências com o BdT de Santa Maria da Feira. Aponta-se também para que outros estudos possam contemplar outras iniciativas de compartilhar por ideal, ou seja, iniciativas que tenham como base o estilo de vida colaborativa e que não envolvam transações financeiras. Nesse sentido, sugere-se iniciativas como: *Bliive*® (trocas de serviços), *Swapsity*® (trocas de bens e serviços), *OurGoods*® (troca de habilidades e conhecimentos) e *Livra Livro*® (troca de livros usados). Por fim, vale ressaltar que a IS investigada neste estudo se limita à EC do arquétipo compartilhar por ideal. Sendo assim, indica-se que estudos futuros também possam ser contemplados sob os outros dois arquétipos da EC: novos modelos de negócio e negócios repaginados. Uma vez que esses dois arquétipos envolvem transações financeiras acredita-se que não se encontre em seus contextos a macrocontrovérsia sistema vigente x sistema alternativo, contudo outras controvérsias poderão ser identificadas. Também a partir da análise das práticas identificadas nesse estudo em comparação com esses outros dois arquétipos da EC, acredita-se que possa melhor contribuir a respeito das aproximações e afastamentos entre as duas temáticas centrais dessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ACQUIER, Aurélien; DAUDIGEOS, Thibault; PINKSE, Jonatan. Promises and paradoxes of the sharing economy: An organizing framework. **Technological Forecasting and Social Change**, 2017, 125: 1-10.
- AGOSTINI, Manuela Rösing; MARQUES, Luciana Vieira; BOSSLE, Marília Bonzanini. A inovação social como resposta aos vazios institucionais: uma perspectiva multidimensional. **Revista de Administração Mackenzie (Mackenzie Management Review)**, v. 17, n. 6, p.385-402. 2017.
- ANDRADE, Helena da Gama Cerqueira; REZENDE, Marcelo de Pinto. “O que é meu é seu?!” pode-se aproximar os debates entre consumo colaborativo e inovação social? **Perspectivas Contemporâneas**, v. 12, n. 2, p. 191-210. 2017.
- ANDREW, Caroline; KLEIN, Juan-Luis; MOHAMOUD, Hindia. **Social Innovation: What is it and why is it important to understand it better**. Québec: CRISES, 2010.
- AVELINO, Flor et al. Transformative social innovation and (dis) empowerment. **Technological Forecasting and Social Change**, p.1-12. 2017.
- BACHNIK, Katarzyna, et al. Sustainable consumption through the sharing economy. **Prace Naukowe Uniwersytetu Ekonomicznego We Wrocławiu**, v. 423, p. 35-44, 2016.
- BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.
- BITTENCOURT, Bruno Anicet; FIGUEIRÓ, Paola Schmitt; SCHUTEL, Soraia. The impact of social innovation: Benefits and opportunities from Brazilian social business. **Revista Espacios**, v. 38, n. 26, p. 7-25. 2017.

CALLON, Michel. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. In: LAW, John. **Power, action and belief: a new sociology of knowledge?** London: Routledge, 1986, p. 196-223.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa-: Escolhendo entre Cinco Abordagens.** Penso Editora, 2014.

DEMIREL, Banu; PAYNE, Ayça Kübra Hızarcı. Social Innovation Adoption Behavior: The Case of Zumbara. **International Journal of Innovation and Technology Management**, v. 15, n. 02, p. 1850016-1850016-19, 2018.

GARUD, Raghu. Conferences as venues for the configuration of emerging organizational fields: The case of cochlear implants. **Journal of Management Studies**, v. 45, n. 6, p. 1061-1088, 2008.

GARUD, Raghu; GEHMAN, Joel. Metatheoretical perspectives on sustainability journeys: Evolutionary, relational and durational. **Research Policy**, v. 41, n. 6, p. 980-995, 2012.

GEHMAN, Joel; TREVINO, Linda K.; GARUD, Raghu. Values work: A process study of the emergence and performance of organizational values practices. **Academy of Management Journal**, v. 56, n. 1, p. 84-112, 2013.

GÖSSLING, Stefan; MICHAEL HALL, C. Sharing versus collaborative economy: how to align ICT developments and the SDGs in tourism?. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 27, n. 1, p. 74-96, 2019.

GRIFFITHS, Merlyn A.; PERERA, B. Yasanthi; ALBINSSON, Pia A. Contrived surplus and negative externalities in the sharing economy. **Journal of Marketing Theory and Practice**, v. 27, n. 4, p. 445-463, 2019.

GUBA, Egon. G.; LINCOLN, Yvonna. S. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **Handbook of qualitative research**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

HAMARI, Juho; SJÖKLINT, Mimmi; UKKONEN, Antti. The sharing economy: Why people participate in collaborative consumption. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 67, n. 9, p. 2047-2059, 2016.

JAEGER-ERBEN, Melanie; RÜCKERT-JOHN, Jana; SCHÄFER, Martina. Sustainable consumption through social innovation: a typology of innovations for sustainable consumption practices. **Journal of Cleaner Production**, v. 108, p. 784-798, 2015.

JIANG, Baojun; TIAN, Lin. Collaborative consumption: Strategic and economic implications of product sharing. **Management Science**, 2016.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. On actor-network theory: A few clarifications. **Página Eletrônica do Centre for Social Theory and Technology (CSTT)**, Keele University, UK, 1997.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory.** New York: Oxford Press University, 2005.

LAW, John. **Notes on the theory of the actor network: ordering, strategy and heterogeneity.** Centre for Science Studies. Lancaster University, Lancaster LA1 4YN, 1992. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/LawNotes-on ANT.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2017.

MALHOTRA, Arvind; VAN ALSTYNE, Marshall. The dark side of the sharing economy... and how to lighten it. **Communications of the ACM**, v. 57, n. 11, p. 24-27, 2014.

MARTIN, Chris J. The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism?. **Ecological economics**, v. 121, p. 149-159, 2016.

MARTIN, Chris J.; UPHAM, Paul; BUDD, Leslie. Commercial orientation in grassroots social innovation: Insights from the sharing economy. **Ecological Economics**, v. 118, p. 240-251, 2015.

MONT, Oksana; NEUVONEN, Alekski; LÄHTEENOJA, Satu. Sustainable lifestyles 2050: stakeholder visions, emerging practices and future research. **Journal of Cleaner Production**, v. 63, p. 24-32, 2014.

PETRINI, Maira; FREITAS, Cássio Stedetn de; SILVEIRA, Lisilene Mello da. A Proposal for a Typology of Sharing Economy. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 18, n. 5, p. 39-62, 2017.

SCHATZKI, Theodore R.; SCHATZKI, Theodore R. **Social practices: A Wittgensteinian approach to human activity and the social**. Cambridge University Press, 1996.

SCHATZKI, Theodore. R. Practice mind-ed orders. In: SCHATZKI, T. R., CETINA, K. K., VON SAVIGNY, E., (eds.) **The Practice Turn in Contemporary Theory**. Routledge, London, 2001.

SCHATZKI, Theodore. R. **Site of the social: A philosophical account of the constitution of social life and change**. Penn State Press, 2002.

SCHOLZ, Trebor. **Digital labor: The Internet as playground and factory**. Routledge, 2012.

SCHOR, Juliet B. Debating the Sharing Economy. **Journal of Self-Governance & Management Economics**, v. 4, n. 3, 2014.

SCHOR, Juliet B.; ATTWOOD-CHARLES, William. The “sharing” economy: labor, inequality, and social connection on for-profit platforms. **Sociology Compass**, v. 11, n. 8, 2017.

SCHOR, Juliet B.; FITZMAURICE, Connor J. Collaborating and connecting: the emergence of the sharing economy. In: **Handbook of research on sustainable consumption**. Edward Elgar Publishing, 2015.

SEYFANG, Gill; SMITH, Adrian. Grassroots innovations for sustainable development: Towards a new research and policy agenda. **Environmental Politics**, v. 16, n. 4, p. 584-603, 2007.

SHIRKY, Clay. **Here comes everybody: The power of organizing without organizations**. Penguin, 2008.

SILVEIRA, Lisilene Mello; PETRINI, Maira; SANTOS, Ana Clarissa Matte Zanardo. Economia compartilhada e consumo colaborativo: o que estamos pesquisando?. **REGE-Revista de Gestão**, v. 23, n. 4, p. 298-305, 2016.

SIUSKAITE, Donata; PILINKIENE, Vaida; ZVIRDAUSKAS, Dainius. The Conceptualization of the Sharing Economy as a Business Model. **Engineering Economics**, v. 30, n. 3, p. 373-381, 2019.

STANDING, Guy. **The precariat: The new dangerous class**. 2011.

TARDIF, Carole; HARRISSON, Denis. **Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualisation de l'innovation sociale au CRISES**. Crises, 2005.

TUSSYADIAH, Iis P.; PESONEN, Juho. Impacts of peer-to-peer accommodation use on travel patterns. **Journal of Travel Research**, v. 55, n. 8, p. 1022-1040, 2016.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

WATSON, Tony J. Organização e trabalho em transição: da lógica "sistêmico-controladora" à lógica "processual-relacional". **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p. 14-23, 2005.

WITTMAYER, Julia Maria; PROKA, Antonia. Sharing and Collaborative Economy. In: DOMANSKI, Dmitri; KALETKA, Christoph. **Exploring the Research Landscape of Social Innovation**. Dortmund: Sozialforschungsstelle, 2017. cap. 8, p. 121-146.

YUAN, Chien Wen Tina; HANRAHAN, Benjamin V.; CARROLL, John M. Is there social capital in service exchange tools?: Investigating timebanking use and social capital development. **Computers in Human Behavior**, v. 81, p. 274-281, 2018.